

O RELATO DE UM TRABALHADOR DEKASSEGUI: IDENTIDADES E DIFERENÇAS

VINICIUS BORGES DE ALMEIDA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vinibalmeida@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada pelo intenso fluxo migratório desde o período colonial até meados do século XX, fato que determina a construção étnica, identitária e linguística do país. Se, antes da chegada dos primeiros europeus, já havia neste território uma vasta diversidade de povos indígenas, o país tornou-se muito mais diverso a partir do contato com os africanos trazidos para cá escravizados e, posteriormente, com os imigrantes europeus (portugueses, alemães, italianos, franceses) e asiáticos (japoneses, chineses, coreanos).

Dessa forma, a imagem do Brasil como um enorme país monolíngue, dominado pelo português de forma tão “homogênea” em toda a sua extensão, não se sustenta. O Brasil aparece entre os países mais multilíngues, sendo faladas por volta de 330 línguas, entre as quais cerca de 274 indígenas e outras 56, línguas alóctones, trazidas com os imigrantes. (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018).

Em se tratando especificamente da imigração japonesa em direção ao Brasil, considera-se o ano de 1908 como o início oficial. Vindo da cidade de Kobe, o navio Kasato Maru trazia 781 japoneses, dentre os quais expressiva parcela seria responsável pelo trabalho em lavouras de café. Essa migração foi motivada sobretudo por questões de sobrevivência, já que no início do século XX o Japão passava por um período de escassez de alimentos e de ofertas de trabalho. (HANDA, 1987).

De acordo com Moriwaki e Nakata (2008), os *isseis*¹ que aqui chegaram, frutos de uma educação baseada na “Lealdade ao Império e Amor à Pátria”, consideravam que permaneceriam no Brasil temporariamente. Assim, preferiam se organizar em colônias no interior e favoreciam os casamentos entre pessoas da mesma colônia, onde utilizavam estritamente a língua japonesa.

Entretanto, se o início do século XX foi marcado pela vinda de japoneses ao Brasil, esse fluxo migratório se inverteria nos últimos anos. Com a necessidade de mão de obra nas indústrias nipônicas no fim do século passado, o governo japonês abria suas portas à imigração de trabalhadores para ocuparem temporariamente os cargos conhecidos como 3K – 汚い *kitanai*, 危険 *kiken* e きつい *kitsui* (sujo, perigoso e difícil) (DIAS, 2015). A esses trabalhadores era atribuído o nome *dekassegui* (FRAZATTO, 2012). Tal processo começou em meados dos anos 1980, período em que o Brasil passava por grande instabilidade econômica e política. Como a constituição do Japão confere nacionalidade japonesa pelo sangue (*jus sanguinis*), os descendentes nascidos fora do Japão seriam incorporados de maneira menos burocrática. (KEBBE, 2014).

¹ *Issei* é o imigrante japonês e *nissei* é o filho de imigrantes japoneses nascido no Brasil, que tem, portanto, a nacionalidade brasileira. Esses nomes referem-se ao número da geração a que o indivíduo pertence. Eles são compostos pelos cardinais em japonês ligados ao ideograma 世, que representa, entre outras ideias, geração. Por isso, 一世 *issei* – primeira geração; 二世 *nissei* – segunda geração; 三世 *sansei* – terceira geração; 四世 *yonsei* – quarta geração; e assim por diante.

Sendo assim, a pesquisa tem por objetivo discutir alguns aspectos das identidades de uma família de brasileiros descendentes de japoneses, focalizando no pai durante seu período inicial no Japão enquanto *dekassegui*. Trata-se de um recorte dos dados levantados durante a pesquisa de mestrado defendida no ano passado, em que, além deste tema, também foram apresentadas discussões sobre Políticas Linguísticas, Bilinguismo e Code-switching.

2. METODOLOGIA

A presente investigação está baseada nos princípios da pesquisa qualitativa definidos em Erickson (1985).

A família selecionada para a pesquisa é composta por cinco membros de brasileiros descendentes de japoneses, mas, em razão da proposta do recorte, apenas dados do pai serão discutidos. Abaixo, as informações sobre eles.

Tabela 1: Identificação dos participantes da pesquisa

	<i>Idade (em anos)</i>	<i>Geração</i>	<i>Local de nascimento</i>
<i>Pai</i>	46	<i>Nissei</i>	Brasil
<i>Mãe</i>	39	<i>Sansei</i>	Brasil
<i>Filha mais velha</i>	20	<i>Sansei</i>	Brasil
<i>Filho do meio</i>	18	<i>Sansei</i>	Japão
<i>Filha mais nova</i>	12	<i>Sansei</i>	Japão

Para obter os dados, houve duas entrevistas, tendo sido a primeira delas presencialmente em 2019 com a mãe e os três filhos. Na época, o pai residia no Japão e, por isso, não pôde participar. Na segunda entrevista, realizada em 2021 com os cinco membros da família a partir de conferência em plataforma online, o pai, a mãe e a filha mais nova estavam morando no Japão enquanto a filha mais velha e o filho do meio, no Brasil. O corpus de análise restringe-se às duas entrevistas, que totalizaram 2h12m51s.

A seguinte legenda será utilizada: E para o entrevistador e P para o pai;

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relato diz respeito à ida de P ao Japão e suas dificuldades em conciliar as expectativas e a realidade:

E: [...] quando surgiu essa oportunidade de ir ao Japão?

P: Abriu a primeira oportunidade, se eu não me engano foi em 1989, começou a vim bastante. [...] Foi nessa época que meu tio veio. Eu vim depois de três anos que ele tava aqui, foi em 1992 que eu vim pra cá [...] eu tranquei o Ensino Médio com o pensamento de 2 anos, 3 anos, juntar um dinheirinho e voltar e concluir e fazer uma Universidade. [...] Pra continuar os estudos, mas... naquela época ainda não tava uma situação muito boa no Japão, o ganho não era... era bem diferente de hoje aqui. E... tinha, na época, muito... como é que fala... era pouca, assim... as comunidades, sabe? E a convivência também era um pouquinho difícil. Japonês também não tava acostumado.

E: Ah, certo, entendi.

P: Era esse pensamento. Não se cumpriu.

A experiência de P como *dekassegui* confirma que, ao ocupar postos bastante específicos dentro da hierarquia nipônica (os 3K anteriormente mencionados), os quais não costumam ser destinados aos próprios japoneses, são “japoneses” de outra ordem ou outro tipo. (KEBBE, 2014). Apesar de fazer parte da “sociedade japonesa” e de ter o traço fenotípico (como no caso de P), o *dekassegui* não tem evidentemente o mesmo status de um japonês nascido no Japão. É um “japonês” diferente – um japonês à brasileira ou um brasileiro à japonesa (MACHADO, 2011). A questão não é tão simples assim, contudo, serve de fundamentação para perceber que a consanguinidade (um marcador identitário biológico a partir de uma perspectiva essencialista) (WOODWARD, 2000) não dá conta de “facilitar” a convivência ou de não identificar o *dekassegui* como o “de fora”, o “diferente”.

O trecho apresentado a seguir complementa a fala de P e ratifica a experiência do olhar do japonês nativo em direção ao estrangeiro:

P: No início, sim. [O preconceito] incomodava, né? Mas, depois de um ano, isso aí já não me incomodava mais. E, comecei a trabalhar isso, né?

E: E será que o fato de tu já falar japonês contribuiu com que tu te habituasses mais facilmente, imagino?

P: Sim, sim. Desde pequeno eu já escutando a língua, né? Isso aí me ajudou, me ajudou bastante. E outra também, né? Como eu via muito meus pais, o jeito deles serem, né? Isso aí também me ajudou. [...] Mas aqui eles não me veem como japonês. Eles me veem, aqui eles falam estrangeiro como *gaijin*. *Gaijin* é estrangeiro no grosso mesmo, pejorativo, *gaijin*. Mas o correto seria falar *gaikokujin*.

A perspectiva do outro que nos identifica e nos diferencia (SILVA, 2000; WOODWARD, 2000), como visto nesse relato, é também marcada através da língua. O termo 外国人 – *gaikokujin* é composto por três ideogramas: 外 (fora, externo, exterior), 国 (país, nação) e 人 (pessoa) e é traduzido em português como “estrangeiro, alguém de outro país”. Entretanto, 外人 – *gaijin* apaga a ideia de país, fazendo com que, como mencionado por P, aponte para o estrangeiro de maneira pejorativa – um *outsider*, “nós e eles” (WOODWARD, 2000), um elemento perturbador.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho procurou discutir questões relacionadas à construção da identidade de um brasileiro descendente de japonês e suas experiências e reflexões enquanto trabalhador *dekassegui* no Japão. Através de seus relatos, foi possível perceber que uma perspectiva essencialista ligadas às identidades nacionais (o que é ser brasileiro, americano, japonês etc.), ou seja, uma suposta unidade não considera a diversidade das experiências do cotidiano e são ligadas ao que Anderson (1989) denomina imaginário coletivo do que representa cada nação. Trata-se de uma perspectiva fixa, que seria definida intrinsecamente a partir de aspectos históricos e biológicos (WOODWARD, 2000).

Em contrapartida, Silva (2000) sugere adotar um ponto de vista não essencialista sobre identidade. Tomando novamente como exemplo as identidades nacionais brasileiro e japonês, uma definição não essencialista colocaria em

evidência as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas em diversos cenários: os japoneses no Japão, os japoneses no Brasil, os brasileiros no Brasil e os brasileiros no Japão. Ainda sobre esse assunto, Woodward (2000) considera que uma definição não essencialista também daria importância às mudanças ao longo dos séculos do que se comprehende ser um “japonês”. Tanto Silva (2000) como Woodward (2000) consideram que a identidade e a diferença são atos de criação linguística definidos social e linguisticamente e, dessa forma, estão sujeitos a vetores de força, a relações de poder. Nesse sentido, o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

O relato do trabalhador *dekassegui* é, portanto, um exemplo de como uma perspectiva essencialista não dá conta de descrever sua integração à sociedade japonesa, pois, mesmo cumprindo com os papéis sociais da sua “essência” (ter os olhos puxados, trabalhar arduamente e falar japonês), ainda havia critérios subjetivos (a suposta superioridade hierárquica dos “nativos” em relação ao estrangeiro, o tipo de função que ele desempenhava, por exemplo) que o impediam de ser completamente “aceito” naquele meio social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, C. V. MORELLO, R.; BERGMANN, G. L.; GODOI, T. G.; HABEL, J. M.; KOHL, S. F.; PREDIGER, A.; SCHMITT, G.; SEIFFERT, A. P.; SOUZA, L. C.; WINCKELMANN, A. C. **Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil**. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

DIAS, N. **Dekasseguês: Um português diferente? Variações linguísticas e interculturalidade nas migrações contemporâneas dentro do sistema-mundo moderno**. **Horizontes Decoloniales**, v. 1, n. 1, p. 62-101, 2015.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, M. C. (org.) **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan, 1985, p.119-161.

FRAZATTO, B. E. **“Legal um japonês que tá no Brasil saber falar japonês mesmo”**: A construção de identidades numa escola de língua japonesa. (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2012. Monografia

HANDA, T. **O imigrante japonês**: Histórias de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

KEBBE, V. H. Ser japonês, ser *nikkei*, ser *dekassegui*: contornando metáforas de parentesco e nação. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.6, n.1, p. 63-80, jan./jun. 2014.

MACHADO, I. J. R. Japonesidades multiplicadas: sobre a presença japonesa no Brasil. In: MACHADO, I. J. R. (org.). **Japonesidades multiplicadas**: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

MORIWAKI, R. e NAKATA, M. **História do ensino da língua japonesa no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

SILVA, T. T. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.), HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.